



DICKENS, CHARLES. *TEMPOS DIFÍCEIS*. SÃO PAULO: BOITEMPO EDITORIAL, 2014.

Paula Sperb*

* paulasperb@gmail.com
Doutoranda em Letras (UCS/UniRitter), mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS).

Foram quarenta anos sem circulação de uma nova edição no Brasil. Após quatro décadas, *Tempos difíceis* (2014), do escritor inglês Charles Dickens (1812-1970), foi finalmente publicado pela editora Boitempo para os leitores brasileiros. O momento para a leitura da obra é oportuno: crises econômicas, tanto no território nacional, como no resto do mundo, tornam a narrativa sobre o colapso social do capitalismo ainda mais atual. Permanecer em sintonia com o sentimento de mal-estar da classe trabalhadora é um dos méritos da obra escrita em 1854, considerada um clássico. A nova edição é traduzida por José Baltazar Pereira Júnior e tem ilustrações originais da edição de 1970. As ilustrações de Harry French

são uma espécie de vestígio que nos levam à Inglaterra vitoriana. As imagens servem como um constante aviso de que a narrativa se passa no período que sucede a Revolução Industrial e não nos dias de hoje.

Como afirma Matos,¹ Dickens é um autor que pinta um retrato de seu tempo e da sociedade inglesa, assim como também é um porta-voz das denúncias sociais. Em *Tempos difíceis* não poderia ser diferente. O escritor assume sua vocação de retratar as injustiças e faz uma crítica ao sistema capitalista de exploração da mão de obra trabalhadora. Entretanto, a crítica de Dickens não é panfletária e aparece

1. MATOS. *Tempos difíceis na Inglaterra*.

no enredo através da oposição entre empregados e patrões, iluministas e positivistas.

Não é por acaso que os trabalhadores das indústrias da fictícia cidade de Coketown são chamados apenas de “mãos”. Porém, esse rótulo não é uma iniciativa dos empregados, mas dos industriais. Ao longo da narrativa, é comum que o termo surja nos diálogos do personagem Sr. Bounderby, banqueiro e dono de diversas fábricas. Bounderby demonstra orgulho de seu passado pobre sempre que tem oportunidade. “Eu não tinha um par de sapatos para os meus pés. Quanto às meias, eu não as conhecia nem de nome. Ficava o dia numa vala e a noite num chiqueiro. Assim passei meu décimo aniversário. Não que a vala fosse novidade para mim, porque nasci em uma”.² A verdade sobre o passado de Bouderyby, aliás, surge apenas na segunda metade do livro.

A personalidade de Bounderby é paradoxal, característica que demonstra o talento de Dickens para criar personagens. Ao mesmo tempo em que Bounderby ostenta seu passado supostamente miserável, ele trata com desprezo a classe trabalhadora. Para Bounderby, os empregados querem apenas conforto. “Não há uma só Mão nesta cidade, senhor, homem, mulher ou criança, que não tenha um objetivo na vida. Esse objetivo é comer sopa de tartaruga e sopa fina com colher de ouro. Ora, eles jamais comerão – nem um único deles”.³

Percebe-se, quando Bounderby fala em “crianças trabalhadoras”, o retrato da época feito por Dickens continua pertinente. Apesar dos avanços históricos na coibição do trabalho infantil, não é raro que casos sejam denunciados pelos órgãos de fiscalização, mesmo atualmente. A vigência da crítica social apreça também com a preocupação com o meio ambiente. Em Coketown, as fábricas poluem o ar, sujam a cidade e prejudicam a saúde daqueles que lá vivem.

O senhor vê a nossa fumaça. Ela é o nosso ganha-pão. É a coisa mais saudável do mundo em todos os aspectos e, em especial, para os pulmões. Se o senhor é um dos que quer acabar com ela, discordo do senhor. Não vamos gastar os fundos das nossas caldeiras mais rápido do que fizemos agora, mesmo com todo o falso moralismo da Grã Bretanha e da Irlanda.⁴

A presença da fumaça é uma descrição frequente sobre a paisagem da cidade de Coketown. É uma espécie de vestígio das péssimas condições de trabalho dentro das fábricas. A cidade, com suas “serpentes de fumaça”,⁵ é importante para o desenrolar do romance. Segundo Matos,⁶ Dickens criou a fictícia Coketown para “dar voz a sua indignação frente ao que vira em Manchester”. Além disso, “os homens, assim como a paisagem e os edifícios, são moldados pela atividade que dá vida à cidade: a indústria”.⁷

2. DICKENS. *Tempos difíceis*, p. 30.

3. DICKENS. *Tempos difíceis*, p. 147.

4. DICKENS. *Tempos difíceis*, p. 147.

5. DICKENS. *Tempos difíceis*, p. 37.

6. MATOS. *Tempos difíceis na Inglaterra*, p. 39.

7. MATOS. *Tempos difíceis na Inglaterra*, p. 39.

Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem (...). Era uma cidade de máquinas e chaminés altas, pelas quais se arrastavam perenes e intermináveis serpentes de fumaça que nunca se desenrolavam de todo. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa de uma tintura malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhava monótono, para cima e para baixo, como a cabeça de um elefante em estado de loucura melancólica. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior.⁸

8. DICKENS. *Tempos difíceis*, p. 37.

Como podemos ver, o espaço da cidade representa mais que um ambiente. A cidade é uma forma simbólica de expressar as relações sociais e econômicas que aparecem na obra. Por existir características muito peculiares na cidade fictícia de Coketown – que, como Matos afirma,⁹ é inspirada na cidade inglesa de Manchester – compreendemos o conjunto de relações específicas construídas neste espaço como uma forma de regionalidade expressa na literatura. Entendemos que a regionalidade, portanto,

9. Cf.: MATOS. *Tempos difíceis na Inglaterra*.

não supõe necessariamente que o mundo narrado se localize numa determinada região geograficamente reconhecível, mas ficticiamente constituída. O que a categoria da regionalidade supõe é muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia fictícia. Embora fictício, o espaço regional criado literariamente remete, como portador de símbolos, a um mundo histórico-social e a uma região geograficamente existente. A regionalidade seria, portanto, resultante da determinação como região ou província, de um espaço, ao mesmo tempo vivido e subjetivo.¹⁰

Como afirma Chiappini,¹¹ a regionalidade é resultado de um espaço vivido e subjetivo. O espaço da cidade de Coketown é justamente o que aglutina as características cuja soma resultará em uma regionalidade muito singular ao livro *Tempos Difíceis*. Logo, podemos afirmar que as características de regionalidade da obra de Dickens estão permeadas pela cultura do trabalho e da repetição da rotina.

Esse cenário de “mesmice” e pretensa racionalidade é perfeitamente representado pela propagação de ideias puramente matemáticas e objetivas através do personagem Sr. Gradgrind. O personagem é diretor de uma escola onde os alunos são treinados para deixarem de lado qualquer ideia criativa ou pensamento imaginativo.

10. CHIAPPINI. Regionalismo(s) e regionalidade(s), p. 26.

11. Cf.: CHIAPPINI. Regionalismo(s) e regionalidade(s).

12. PUGLIA. *Charles Dickens: um escrito no centro do capitalismo*, p. 12.

As doutrinas de Gradgrind simbolizam justamente o paradigma científico predominante na Inglaterra vitoriana. Para Puglia,¹² essas doutrinas são “utilitaristas” e de certa forma também explicam o capitalismo. O acadêmico afirma que as doutrinas do capitalismo também são “os próprios alicerces que estruturavam sua condição de existência como sistema”. Para o pesquisador, na obra de Dickens existem indícios dessa “configuração histórica” e que o utilitarismo “visava submeter todas as instituições aos testes de uma utilidade racional”.

Sr. Thomas Gradgrind. Um homem de realidades. Um homem de fatos e cálculos. Um homem que trabalha de acordo com o princípio de que dois mais dois são quatro, e nada mais, e não pode ser persuadido a permitir nada mais. (...) Com uma regra e uma balança, e a tabuada sempre no bolso, senhor, pronto para pesar e medir qualquer parcela da natureza humana, e dizer o resultado exato. É uma mera questão de números, um caso de simples aritmética.¹³

13. DICKENS. *Tempos difíceis*, p. 15.

Tanta rigidez só foi rompida com a chegada da jovem Sissy Jupe, criada em uma família de artistas de circo. Nada pode ser mais oposto ao positivismo do que a arte circense: imprevisível, criativa e divertida. Sissy é aluna da escola de Gradgrind e passa a viver com a família, como filha adotiva. Ao ser acolhida precisa moldar-se aos parâmetros

estritamente racionais da família de Gradgrind, escondendo seus pensamentos fantasiosos e omitindo sua emotividade. A mesma “educação” recebida tardiamente por Sissy foi aplicada à filha mais velha de Gradgrinde, Louisa. Loo, como é chamada a garota, aceita casar-se com o Sr. Bounderby, muitos anos mais velho do que ela, em uma decisão puramente racional.

O casamento entre o industrial mais rico da cidade e a jovem intelectualizada não poderia dar certo. A partir do relacionamento dos dois, uma série de conflitos surgem. Os sentimentos de Louisa, que sempre foram abafados em nome da objetividade, agora afloram e a fazem sofrer. Seu pai, que nunca teve sua convicção na racionalidade abalada, coloca em dúvida suas certezas sobre como educar as crianças.

Mas, o que acontece após o fracasso do casamento “ideal” pode frustrar o leitor que espera que Dickens apresente as soluções para os problemas apresentados. Dickens não faz de Louisa uma personagem que quebra os paradigmas da época. Tampouco Sr. Gradgrind defende o divórcio da filha. Apesar do arrependimento, do pai e de Louisa, sobre o casamento com Bounderby, nada de concreto pode ser feito a não ser “dar tempo ao tempo”.

Assim como Dickens não é panfletário e não tenta mostrar a solução para a miséria dos trabalhadores, optando apenas

por escancará-la, o autor também não dá o final ao feliz à jovem amargurada por um casamento baseado em interesses.

Acreditamos que, assim como a criação de personagens paradoxais, a falta de uma “solução mágica” também é um mérito de Charles Dickens em *Tempos difíceis*. Apenas a inquietude pode suscitar uma reflexão mais aprofundada ou mudança na forma de agir e pensar do leitor – seja ele vitoriano ou pós-moderno.

REFERÊNCIAS

CHIAPPINI, Ligia. Regionalismo(s) e regionalidade(s): trajetória de uma pesquisadora brasileira no diálogo com pesquisadores europeus e convite a novas aventuras. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. **Regionalismus Regionalismos**. Educs: Caxias do Sul, 2013.

DICKENS, Charles. **Tempos difíceis**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MATOS, Érika Paula de. **Tempos difíceis na Inglaterra**: forma literária e representação social em *Hard Times* de Charles Dickens. 2007. Dissertação (mestrado). USP, São Paulo.

PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo**. 2006. Dissertação (mestrado). USP, São Paulo.